Pessimismo literário na disputa sobre o suicídio e na morte de Enkidu

Autor(es): Martins, Ivo

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/32974](http://hdl.handle.net/10316.2/32974)

DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_22_3](http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_22_3)

Accessed : 26-Apr-2023 13:30:26

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

22

𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄𐀅𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝𐀞𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳𐀴𐀵𐀶𐀷𐀸𐀹𐀺𐀻𐀼𐀽𐀾𐀿𐁀𐁁𐁂𐁃𐁄𐁅𐁆𐁇𐁈𐁉𐁊𐁋𐁌𐁍𐁎𐁏𐁐𐁑𐁒𐁓𐁔𐁕𐁖𐁗𐁘𐁙𐁚𐁛𐁜𐁝𐁞𐁟𐁠𐁡𐁢𐁣𐁤𐁥𐁦𐁧𐁨𐁩𐁪𐁫𐁬𐁭𐁮𐁯𐁰𐁱𐁲𐁳𐁴𐁵𐁶𐁷𐁸𐁹𐁺𐁻𐁼𐁽𐁾𐁿𐂀𐂁𐂂𐂃𐂄𐂅𐂆𐂇𐂈𐂉𐂊𐂋𐂌𐂍𐂎𐂏𐂐𐂑𐂒𐂓𐂔𐂕𐂖𐂗𐂘𐂙𐂚𐂛𐂜𐂝𐂞𐂟𐂠𐂡𐂢𐂣𐂤𐂥𐂦𐂧𐂨𐂩𐂪𐂫𐂬𐂭𐂮𐂯𐂰𐂱𐂲𐂳𐂴𐂵𐂶𐂷𐂸𐂹𐂺𐂻𐂼𐂽𐂾𐂿𐃀𐃁𐃂𐃃𐃄𐃅𐃆𐃇𐃈𐃉𐃊𐃋𐃌𐃍𐃎𐃏𐃐𐃑𐃒𐃓𐃔𐃕𐃖𐃗𐃘𐃙𐃚𐃛𐃜𐃝𐃞𐃟𐃠𐃡𐃢𐃣𐃤𐃥𐃦𐃧𐃨𐃩𐃪𐃫𐃬𐃭𐃮𐃯𐃰𐃱𐃲𐃳𐃴𐃵𐃶𐃷𐃸𐃹𐃺𐃻𐃼𐃽𐃾𐃿𐄀𐄁𐄂𐄃𐄄𐄅𐄆𐄇𐄈𐄉𐄊𐄋𐄌𐄍𐄎𐄏𐄐𐄑𐄒𐄓𐄔𐄕𐄖𐄗𐄘𐄙𐄚𐄛𐄜𐄝𐄞𐄟𐄠𐄡𐄢𐄣𐄤𐄥𐄦𐄧𐄨𐄩𐄪𐄫𐄬𐄭𐄮𐄯𐄰𐄱𐄲𐄳𐄴𐄵𐄶𐄷𐄸𐄹𐄺𐄻𐄼𐄽𐄾𐄿𐅀𐅁𐅂𐅃𐅄𐅅𐅆𐅇𐅈𐅉𐅊𐅋𐅌𐅍𐅎𐅏𐅐𐅑𐅒𐅓𐅔𐅕𐅖𐅗𐅘𐅙𐅚𐅛𐅜𐅝𐅞𐅟𐅠𐅡𐅢𐅣𐅤𐅥𐅦𐅧𐅨𐅩𐅪𐅫𐅬𐅭𐅮𐅯𐅰𐅱𐅲𐅳𐅴𐅵𐅶𐅷𐅸𐅹𐅺𐅻𐅼𐅽𐅾𐅿𐆀𐆁𐆂𐆃𐆄𐆅𐆆𐆇𐆈𐆉𐆊𐆋𐆌𐆍𐆎𐆏𐆐𐆑𐆒𐆓𐆔𐆕𐆖𐆗𐆘𐆙𐆚𐆛𐆜𐆝𐆞𐆟𐆠𐆡𐆢𐆣𐆤𐆥𐆦𐆧𐆨𐆩𐆪𐆫𐆬𐆭𐆮𐆯𐆰𐆱𐆲𐆳𐆴𐆵𐆶𐆷𐆸𐆹𐆺𐆻𐆼𐆽𐆾𐆿𐇀𐇁𐇂𐇃𐇄𐇅𐇆𐇇𐇈𐇉𐇊𐇋𐇌𐇍𐇎𐇏𐇐𐇑𐇒𐇓𐇔𐇕𐇖𐇗𐇘𐇙𐇚𐇛𐇜𐇝𐇞𐇟𐇠𐇡𐇢𐇣𐇤𐇥𐇦𐇧𐇨𐇩𐇪𐇫𐇬𐇭𐇮𐇯𐇰𐇱𐇲𐇳𐇴𐇵𐇶𐇷𐇸𐇹𐇺𐇻𐇼𐇽𐇾𐇿𐈀𐈁𐈂𐈃𐈄𐈅𐈆𐈇𐈈𐈉𐈊𐈋𐈌𐈍𐈎𐈏𐈐𐈑𐈒𐈓𐈔𐈕𐈖𐈗𐈘𐈙𐈚𐈛𐈜𐈝𐈞𐈟𐈠𐈡𐈢𐈣𐈤𐈥𐈦𐈧𐈨𐈩𐈪𐈫𐈬𐈭𐈮𐈯𐈰𐈱𐈲𐈳𐈴𐈵𐈶𐈷𐈸𐈹𐈺𐈻𐈼𐈽𐈾𐈿𐉀𐉁𐉂𐉃𐉄𐉅𐉆𐉇𐉈𐉉𐉊𐉋𐉌𐉍𐉎𐉏𐉐𐉑𐉒𐉓𐉔𐉕𐉖𐉗𐉘𐉙𐉚𐉛𐉜𐉝𐉞𐉟𐉠𐉡𐉢𐉣𐉤𐉥𐉦𐉧𐉨𐉩𐉪𐉫𐉬𐉭𐉮𐉯𐉰𐉱𐉲𐉳𐉴𐉵𐉶𐉷𐉸𐉹𐉺𐉻𐉼𐉽𐉾𐉿𐊀𐊁𐊂𐊃𐊄𐊅𐊆𐊇𐊈𐊉𐊊𐊋𐊌𐊍𐊎𐊏𐊐𐊑𐊒𐊓𐊔𐊕𐊖𐊗𐊘𐊙𐊚𐊛𐊜𐊝𐊞𐊟𐊠𐊡𐊢𐊣𐊤𐊥𐊦𐊧𐊨𐊩𐊪𐊫𐊬𐊭𐊮𐊯𐊰𐊱𐊲𐊳𐊴𐊵𐊶𐊷𐊸𐊹𐊺𐊻𐊼𐊽𐊾𐊿𐋀𐋁𐋂𐋃𐋄𐋅𐋆𐋇𐋈𐋉𐋊𐋋𐋌𐋍𐋎𐋏𐋐𐋑𐋒𐋓𐋔𐋕𐋖𐋗𐋘𐋙𐋚𐋛𐋜𐋝𐋞𐋟𐋠𐋡𐋢𐋣𐋤𐋥𐋦𐋧𐋨𐋩𐋪𐋫𐋬𐋭𐋮𐋯𐋰𐋱𐋲𐋳𐋴𐋵𐋶𐋷𐋸𐋹𐋺𐋻𐋼𐋽𐋾𐋿𐌀𐌁𐌂𐌃𐌄𐌅𐌆𐌇𐌈𐌉𐌊𐌋𐌌𐌍𐌎𐌏𐌐𐌑𐌒𐌓𐌔𐌕𐌖𐌗𐌘𐌙𐌚𐌛𐌜𐌝𐌞𐌟𐌠𐌡𐌢𐌣𐌤𐌥𐌦𐌧𐌨𐌩𐌪𐌫𐌬𐌭𐌮𐌯𐌰𐌱𐌲𐌳𐌴𐌵𐌶𐌷𐌸𐌹𐌺𐌻𐌼𐌽𐌾𐌿𐍀𐍁𐍂𐍃𐍄𐍅𐍆𐍇𐍈𐍉𐍊𐍋𐍌𐍍𐍎𐍏𐍐𐍑𐍒𐍓𐍔𐍕𐍖𐍗𐍘𐍙𐍚𐍛𐍜𐍝𐍞𐍟𐍠𐍡𐍢𐍣𐍤𐍥𐍦𐍧𐍨𐍩𐍪𐍫𐍬𐍭𐍮𐍯𐍰𐍱𐍲𐍳𐍴𐍵𐍶𐍷𐍸𐍹𐍺𐍻𐍼𐍽𐍾𐍿𐎀𐎁𐎂𐎃𐎄𐎅𐎆𐎇𐎈𐎉𐎊𐎋𐎌𐎍𐎎𐎏𐎐𐎑𐎒𐎓𐎔𐎕𐎖𐎗𐎘𐎙𐎚𐎛𐎜𐎝𐎞𐎟𐎠𐎡𐎢𐎣𐎤𐎥𐎦𐎧𐎨𐎩𐎪𐎫𐎬𐎭𐎮𐎯𐎰𐎱𐎲𐎳𐎴𐎵𐎶𐎷𐎸𐎹𐎺𐎻𐎼𐎽𐎾𐎿𐏀𐏁𐏂𐏃𐏄𐏅𐏆𐏇𐏈𐏉𐏊𐏋𐏌𐏍𐏎𐏏𐏐𐏑𐏒𐏓𐏔𐏕𐏖𐏗𐏘𐏙𐏚𐏛𐏜𐏝𐏞𐏟𐏠𐏡𐏢𐏣𐏤𐏥𐏦𐏧𐏨𐏩𐏪𐏫𐏬𐏭𐏮𐏯𐏰𐏱𐏲𐏳𐏴𐏵𐏶𐏷𐏸𐏹𐏺𐏻𐏼𐏽𐏾𐏿𐐀𐐁𐐂𐐃𐐄𐐅𐐆𐐇𐐈𐐉𐐊𐐋𐐌𐐍𐐎𐐏𐐐𐐑𐐒𐐓𐐔𐐕𐐖𐐗𐐘𐐙𐐚𐐛𐐜𐐝𐐞𐐟𐐠𐐡𐐢𐐣𐐤𐐥𐐦𐐧𐐨𐐩𐐪𐐫𐐬𐐭𐐮𐐯𐐰𐐱𐐲𐐳𐐴𐐵𐐶𐐷𐐸𐐹𐐺𐐻𐐼𐐽𐐾𐐿𐑀𐑁𐑂𐑃𐑄𐑅𐑆𐑇𐑈𐑉𐑊𐑋𐑌𐑍𐑎𐑏𐑐𐑑𐑒𐑓𐑔𐑕𐑖𐑗𐑘𐑙𐑚𐑛𐑜𐑝𐑞𐑟𐑠𐑡𐑢𐑣𐑤𐑥𐑦𐑧𐑨𐑩𐑪𐑫𐑬𐑭𐑮𐑯𐑰𐑱𐑲𐑳𐑴𐑵𐑶𐑷𐑸𐑹𐑺𐑻𐑼𐑽𐑾𐑿𐒀𐒁𐒂𐒃𐒄𐒅𐒆𐒇𐒈𐒉𐒊𐒋𐒌𐒍𐒎𐒏𐒐𐒑𐒒𐒓𐒔𐒕𐒖𐒗𐒘𐒙𐒚𐒛𐒜𐒝𐒞𐒟𐒠𐒡𐒢𐒣𐒤𐒥𐒦𐒧𐒨𐒩𐒪𐒫𐒬𐒭𐒮𐒯𐒰𐒱𐒲𐒳𐒴𐒵𐒶𐒷𐒸𐒹𐒺𐒻𐒼𐒽𐒾𐒿𐓀𐓁𐓂𐓃𐓄𐓅𐓆𐓇𐓈𐓉𐓊𐓋𐓌𐓍𐓎𐓏𐓐𐓑𐓒𐓓𐓔𐓕𐓖𐓗𐓘𐓙𐓚𐓛𐓜𐓝𐓞𐓟𐓠𐓡𐓢𐓣𐓤𐓥𐓦𐓧𐓨𐓩𐓪𐓫𐓬𐓭𐓮𐓯𐓰𐓱𐓲𐓳𐓴𐓵𐓶𐓷𐓸𐓹𐓺𐓻𐓼𐓽𐓾𐓿𐔀𐔁𐔂𐔃𐔄𐔅𐔆𐔇𐔈𐔉𐔊𐔋𐔌𐔍𐔎𐔏𐔐𐔑𐔒𐔓𐔔𐔕𐔖𐔗𐔘𐔙𐔚𐔛𐔜𐔝𐔞𐔟𐔠𐔡𐔢𐔣𐔤𐔥𐔦𐔧𐔨𐔩𐔪𐔫𐔬𐔭𐔮𐔯𐔰𐔱𐔲𐔳𐔴𐔵𐔶𐔷𐔸𐔹𐔺𐔻𐔼𐔽𐔾𐔿𐕀𐕁𐕂𐕃𐕄𐕅𐕆𐕇𐕈𐕉𐕊𐕋𐕌𐕍𐕎𐕏𐕐𐕑𐕒𐕓𐕔𐕕𐕖𐕗𐕘𐕙𐕚𐕛𐕜𐕝𐕞𐕟𐕠𐕡𐕢𐕣𐕤𐕥𐕦𐕧𐕨𐕩𐕪𐕫𐕬𐕭𐕮𐕯𐕰𐕱𐕲𐕳𐕴𐕵𐕶𐕷𐕸𐕹𐕺𐕻𐕼𐕽𐕾𐕿𐖀𐖁𐖂𐖃𐖄𐖅𐖆𐖇𐖈𐖉𐖊𐖋𐖌𐖍𐖎𐖏𐖐𐖑𐖒𐖓𐖔𐖕𐖖𐖗𐖘𐖙𐖚𐖛𐖜𐖝𐖞𐖟𐖠𐖡𐖢𐖣𐖤𐖥𐖦𐖧𐖨𐖩𐖪𐖫𐖬𐖭𐖮𐖯𐖰𐖱𐖲𐖳𐖴𐖵𐖶𐖷𐖸𐖹𐖺𐖻𐖼𐖽𐖾𐖿𐗀𐗁𐗂𐗃𐗄𐗅𐗆𐗇𐗈𐗉𐗊𐗋𐗌𐗍𐗎𐗏𐗐𐗑𐗒𐗓𐗔𐗕𐗖𐗗𐗘𐗙𐗚𐗛𐗜𐗝𐗞𐗟𐗠𐗡𐗢𐗣𐗤𐗥𐗦𐗧𐗨𐗩𐗪𐗫𐗬𐗭𐗮𐗯𐗰𐗱𐗲𐗳𐗴𐗵𐗶𐗷𐗸𐗹𐗺𐗻𐗼𐗽𐗾𐗿𐘀𐘁𐘂𐘃𐘄𐘅𐘆𐘇𐘈𐘉𐘊𐘋𐘌𐘍𐘎𐘏𐘐𐘑𐘒𐘓𐘔𐘕𐘖𐘗𐘘𐘙𐘚𐘛𐘜𐘝𐘞𐘟𐘠𐘡𐘢𐘣𐘤𐘥𐘦𐘧𐘨𐘩𐘪𐘫𐘬𐘭𐘮𐘯𐘰𐘱𐘲𐘳𐘴𐘵𐘶𐘷𐘸𐘹𐘺𐘻𐘼𐘽𐘾𐘿𐙀𐙁𐙂𐙃𐙄𐙅𐙆𐙇𐙈𐙉𐙊𐙋𐙌𐙍𐙎𐙏𐙐𐙑𐙒𐙓𐙔𐙕𐙖𐙗𐙘𐙙𐙚𐙛𐙜𐙝𐙞𐙟𐙠𐙡𐙢𐙣𐙤𐙥𐙦𐙧𐙨𐙩𐙪𐙫𐙬𐙭𐙮𐙯𐙰𐙱𐙲𐙳𐙴𐙵𐙶𐙷𐙸𐙹𐙺𐙻𐙼𐙽𐙾𐙿𐚀𐚁𐚂𐚃𐚄𐚅𐚆𐚇𐚈𐚉𐚊𐚋𐚌𐚍𐚎𐚏𐚐𐚑𐚒𐚓𐚔𐚕𐚖𐚗𐚘𐚙𐚚𐚛𐚜𐚝𐚞𐚟𐚠𐚡𐚢𐚣𐚤𐚥𐚦𐚧𐚨𐚩𐚪𐚫𐚬𐚭𐚮𐚯𐚰𐚱𐚲𐚳𐚴𐚵𐚶𐚷𐚸𐚹𐚺𐚻𐚼𐚽𐚾𐚿𐛀𐛁𐛂𐛃𐛄𐛅𐛆𐛇𐛈𐛉𐛊𐛋𐛌𐛍𐛎𐛏𐛐𐛑𐛒𐛓𐛔𐛕𐛖𐛗𐛘𐛙𐛚𐛛𐛜𐛝𐛞𐛟𐛠𐛡𐛢𐛣𐛤𐛥𐛦𐛧𐛨𐛩𐛪𐛫𐛬𐛭𐛮𐛯𐛰𐛱𐛲𐛳𐛴𐛵𐛶𐛷𐛸𐛹𐛺𐛻𐛼𐛽𐛾𐛿𐜀𐜁𐜂𐜃𐜄𐜅𐜆𐜇𐜈𐜉𐜊𐜋𐜌𐜍𐜎𐜏𐜐𐜑𐜒𐜓𐜔𐜕𐜖𐜗𐜘𐜙𐜚𐜛𐜜𐜝𐜞𐜟𐜠𐜡𐜢𐜣𐜤𐜥𐜦𐜧𐜨𐜩𐜪𐜫𐜬𐜭𐜮𐜯𐜰𐜱𐜲𐜳𐜴𐜵𐜶𐜷𐜸𐜹𐜺𐜻𐜼𐜽𐜾𐜿𐝀𐝁𐝂𐝃𐝄𐝅𐝆𐝇𐝈𐝉𐝊𐝋𐝌𐝍𐝎𐝏𐝐𐝑𐝒𐝓𐝔𐝕𐝖𐝗𐝘𐝙𐝚𐝛𐝜𐝝𐝞𐝟𐝠𐝡𐝢𐝣𐝤𐝥𐝦𐝧𐝨𐝩𐝪𐝫𐝬𐝭𐝮𐝯𐝰𐝱𐝲𐝳𐝴𐝵𐝶𐝷𐝸𐝹𐝺𐝻𐝼𐝽𐝾𐝿𐞀𐞁𐞂𐞃𐞄𐞅𐞆𐞇𐞈𐞉𐞊𐞋𐞌𐞍𐞎𐞏𐞐𐞑𐞒𐞓𐞔𐞕𐞖𐞗𐞘𐞙𐞚𐞛𐞜𐞝𐞞𐞟𐞠𐞡𐞢𐞣𐞤𐞥𐞦𐞧𐞨𐞩𐞪𐞫𐞬𐞭𐞮𐞯𐞰𐞱𐞲𐞳𐞴𐞵𐞶𐞷𐞸𐞹𐞺𐞻𐞼𐞽𐞾𐞿𐟀𐟁𐟂𐟃𐟄𐟅𐟆𐟇𐟈𐟉𐟊𐟋𐟌𐟍𐟎𐟏𐟐𐟑𐟒𐟓𐟔𐟕𐟖𐟗𐟘𐟙𐟚𐟛𐟜𐟝𐟞𐟟𐟠𐟡𐟢𐟣𐟤𐟥𐟦𐟧𐟨𐟩𐟪𐟫𐟬𐟭𐟮𐟯𐟰𐟱𐟲𐟳𐟴𐟵𐟶𐟷𐟸𐟹𐟺𐟻𐟼𐟽𐟾𐟿𐠀𐠁𐠂𐠃𐠄𐠅𐠆𐠇𐠈𐠉𐠊𐠋𐠌𐠍𐠎𐠏𐠐𐠑𐠒𐠓𐠔𐠕𐠖𐠗𐠘𐠙𐠚𐠛𐠜𐠝𐠞𐠟𐠠𐠡𐠢𐠣𐠤𐠥𐠦𐠧𐠨𐠩𐠪𐠫𐠬𐠭𐠮𐠯𐠰𐠱𐠲𐠳𐠴𐠵𐠶𐠷𐠸𐠹𐠺𐠻𐠼𐠽𐠾𐠿𐡀𐡁𐡂𐡃𐡄𐡅𐡆𐡇𐡈𐡉𐡊𐡋𐡌𐡍𐡎𐡏𐡐𐡑𐡒𐡓𐡔𐡕𐡖𐡗𐡘𐡙𐡚𐡛𐡜𐡝𐡞𐡟𐡠𐡡𐡢𐡣𐡤𐡥𐡦𐡧𐡨𐡩𐡪𐡫𐡬𐡭𐡮𐡯𐡰𐡱𐡲𐡳𐡴𐡵𐡶𐡷𐡸𐡹𐡺𐡻𐡼𐡽𐡾𐡿𐢀𐢁𐢂𐢃𐢄𐢅𐢆𐢇𐢈𐢉𐢊𐢋𐢌𐢍𐢎𐢏𐢐𐢑𐢒𐢓𐢔𐢕𐢖𐢗𐢘𐢙𐢚𐢛𐢜𐢝𐢞𐢟𐢠𐢡𐢢𐢣𐢤𐢥𐢦𐢧𐢨𐢩𐢪𐢫𐢬𐢭𐢮𐢯𐢰𐢱𐢲𐢳𐢴𐢵𐢶𐢷𐢸𐢹𐢺𐢻𐢼𐢽𐢾𐢿𐣀𐣁𐣂𐣃𐣄𐣅𐣆𐣇𐣈𐣉𐣊𐣋𐣌𐣍𐣎𐣏𐣐𐣑𐣒𐣓𐣔𐣕𐣖𐣗𐣘𐣙𐣚𐣛𐣜𐣝𐣞𐣟𐣠𐣡𐣢𐣣𐣤𐣥𐣦𐣧𐣨𐣩𐣪𐣫𐣬𐣭𐣮𐣯𐣰𐣱𐣲𐣳𐣴𐣵𐣶𐣷𐣸𐣹𐣺𐣻𐣼𐣽𐣾𐣿𐤀𐤁𐤂𐤃𐤄𐤅𐤆𐤇𐤈𐤉𐤊𐤋𐤌𐤍𐤎𐤏𐤐𐤑𐤒𐤓𐤔𐤕𐤖𐤗𐤘𐤙𐤚𐤛𐤜𐤝𐤞𐤟𐤠𐤡𐤢𐤣𐤤𐤥𐤦𐤧𐤨𐤩𐤪𐤫𐤬𐤭𐤮𐤯𐤰𐤱𐤲𐤳𐤴𐤵𐤶𐤷𐤸𐤹𐤺𐤻𐤼𐤽𐤾𐤿𐥀𐥁𐥂𐥃𐥄𐥅𐥆𐥇𐥈𐥉𐥊𐥋𐥌𐥍𐥎𐥏𐥐𐥑𐥒𐥓𐥔𐥕𐥖𐥗𐥘𐥙𐥚𐥛𐥜𐥝𐥞𐥟𐥠𐥡𐥢𐥣𐥤𐥥𐥦𐥧𐥨𐥩𐥪𐥫𐥬𐥭𐥮𐥯𐥰𐥱𐥲𐥳𐥴𐥵𐥶𐥷𐥸𐥹𐥺𐥻𐥼𐥽𐥾𐥿𐦀𐦁𐦂𐦃𐦄𐦅𐦆𐦇𐦈𐦉𐦊𐦋𐦌𐦍𐦎𐦏𐦐𐦑𐦒𐦓𐦔𐦕𐦖𐦗𐦘𐦙𐦚𐦛𐦜𐦝𐦞𐦟𐦠𐦡𐦢𐦣𐦤𐦥𐦦𐦧𐦨𐦩𐦪𐦫𐦬𐦭𐦮𐦯𐦰𐦱𐦲𐦳𐦴𐦵𐦶𐦷𐦸𐦹𐦺𐦻𐦼𐦽𐦾𐦿𐧀𐧁𐧂𐧃𐧄𐧅𐧆𐧇𐧈𐧉𐧊𐧋𐧌𐧍𐧎𐧏𐧐𐧑𐧒𐧓𐧔𐧕𐧖𐧗𐧘𐧙𐧚𐧛𐧜𐧝𐧞𐧟𐧠𐧡𐧢𐧣𐧤𐧥𐧦𐧧𐧨𐧩𐧪𐧫𐧬𐧭𐧮𐧯𐧰𐧱𐧲𐧳𐧴𐧵𐧶𐧷𐧸𐧹𐧺𐧻𐧼𐧽𐧾𐧿𐨀𐨁𐨂𐨃𐨄𐨅𐨆𐨇𐨈𐨉𐨊𐨋𐨌𐨍𐨎𐨏𐨐𐨑𐨒𐨓𐨔𐨕𐨖𐨗𐨘𐨙𐨚𐨛𐨜𐨝𐨞𐨟𐨠𐨡𐨢𐨣𐨤𐨥𐨦𐨧𐨨𐨩𐨪𐨫𐨬𐨭𐨮𐨯𐨰𐨱𐨲𐨳𐨴𐨵𐨶𐨷𐨹𐨺𐨸𐨻𐨼𐨽𐨾𐨿𐩀𐩁𐩂𐩃𐩄𐩅𐩆𐩇𐩈𐩉𐩊𐩋𐩌𐩍𐩎𐩏𐩐𐩑𐩒𐩓𐩔𐩕𐩖𐩗𐩘𐩙𐩚𐩛𐩜𐩝𐩞𐩟𐩠𐩡𐩢𐩣𐩤𐩥𐩦𐩧𐩨𐩩𐩪𐩫𐩬𐩭𐩮𐩯𐩰𐩱𐩲𐩳𐩴𐩵𐩶𐩷𐩸𐩹𐩺𐩻𐩼𐩽𐩾𐩿𐪀𐪁𐪂𐪃𐪄𐪅𐪆𐪇𐪈𐪉𐪊𐪋𐪌𐪍𐪎𐪏𐪐𐪑𐪒𐪓𐪔𐪕𐪖𐪗𐪘𐪙𐪚𐪛𐪜𐪝𐪞𐪟𐪠𐪡𐪢𐪣𐪤𐪥𐪦𐪧𐪨𐪩𐪪𐪫𐪬𐪭𐪮𐪯𐪰𐪱𐪲𐪳𐪴𐪵𐪶𐪷𐪸𐪹𐪺𐪻𐪼𐪽𐪾𐪿𐫀𐫁𐫂𐫃𐫄𐫅𐫆𐫇𐫈𐫉𐫊𐫋𐫌𐫍𐫎𐫏𐫐𐫑𐫒𐫓𐫔𐫕𐫖𐫗𐫘𐫙𐫚𐫛𐫜𐫝𐫞𐫟𐫠𐫡𐫢𐫣𐫤𐫦𐫥𐫧𐫨𐫩𐫪𐫫𐫬𐫭𐫮𐫯𐫰𐫱𐫲𐫳𐫴𐫵𐫶𐫷𐫸𐫹𐫺𐫻𐫼𐫽𐫾𐫿𐬀𐬁𐬂𐬃𐬄𐬅𐬆𐬇𐬈𐬉𐬊𐬋𐬌𐬍𐬎𐬏𐬐𐬑𐬒𐬓𐬔𐬕𐬖𐬗𐬘𐬙𐬚𐬛𐬜𐬝𐬞𐬟𐬠𐬡𐬢𐬣𐬤𐬥𐬦𐬧𐬨𐬩𐬪𐬫𐬬𐬭𐬮𐬯𐬰𐬱𐬲𐬳𐬴𐬵𐬶𐬷𐬸𐬹𐬺𐬻𐬼𐬽𐬾𐬿𐭀𐭁𐭂𐭃𐭄𐭅𐭆𐭇𐭈𐭉𐭊𐭋𐭌𐭍𐭎𐭏𐭐𐭑𐭒𐭓𐭔𐭕𐭖𐭗𐭘𐭙𐭚𐭛𐭜𐭝𐭞𐭟𐭠𐭡𐭢𐭣𐭤𐭥𐭦𐭧𐭨𐭩𐭪𐭫𐭬𐭭𐭮𐭯𐭰𐭱𐭲𐭳𐭴𐭵𐭶𐭷𐭸𐭹𐭺𐭻𐭼𐭽𐭾𐭿𐮀𐮁𐮂𐮃𐮄𐮅𐮆𐮇𐮈𐮉𐮊𐮋𐮌𐮍𐮎𐮏𐮐𐮑𐮒𐮓𐮔𐮕𐮖𐮗𐮘𐮙𐮚𐮛𐮜𐮝𐮞𐮟𐮠𐮡𐮢𐮣𐮤𐮥𐮦𐮧𐮨𐮩𐮪𐮫𐮬𐮭𐮮𐮯𐮰𐮱𐮲𐮳𐮴𐮵𐮶𐮷𐮸𐮹𐮺𐮻𐮼𐮽𐮾𐮿𐯀𐯁𐯂𐯃𐯄𐯅𐯆𐯇𐯈𐯉𐯊𐯋𐯌𐯍𐯎𐯏𐯐𐯑𐯒𐯓𐯔𐯕𐯖

PESSIMISMO LITERÁRIO NA *DISPUTA* SOBRE O SUICÍDIO E NA MORTE DE ENKIDU

IVO MARTINS

Universidade de Lisboa
ivomartins@campus.ul.pt

Introdução

A finalidade deste trabalho é a análise da presença do fenómeno de pessimismo literário em duas composições literárias pré-clássicas: uma de proveniência egípcia; outra de proveniência mesopotâmica.

A análise levará em consideração três aspectos: o conceito de «pessimismo literário»; as concepções de cariz antropológico e escatológico que concorrem na formulação do pessimismo literário; e a heterogeneidade e, não obstante, o paralelismo dos contextos de produção.

Pessimismo é, no sentido elementar do termo, uma perspectiva extremada e tendencialmente negativa que se sustenta perante uma experiência, um acontecimento ou um conceito. Trabalhando sobre textos do âmbito da literatura sapiencial, este pessimismo torna-se um recurso estilístico, e acha-se afecto a uma dada finalidade ou a um dado objectivo. Sobre o conceito de pessimismo literário e a sua presença nas composições em estudo elaboraremos no ponto IV.

Ao longo dos textos, certas concepções fundamentais para a compreensão da mentalidade egípcia e da mentalidade mesopotâmica contribuem para o discurso do pessimismo literário e são manifestas no jogo argumentativo entre a implementação e a superação desse pessimismo literário. Para que se possa compreender devidamente qualquer

das composições e a mecânica do pessimismo literário é necessário abordar o conceito de condição humana, o qual abrange concepções antropogónicas e escatológicas. Abordaremos este conceito no ponto III.

De modo a ensaiar uma hipótese explicativa sobre a origem do pessimismo literário e o seu impacto sobre as composições em estudo, contextualizaremos o processo produtivo e apresentaremos cada fonte no ponto II. Por fim, concluiremos o presente estudo com o resumo sucinto das conclusões alcançadas no ponto V. As informações bibliográficas e heurísticas figurarão no fim do artigo devidamente indexadas.

1. Fontes: apresentação e contextualização

O presente trabalho analisa o fenómeno de pessimismo literário na composição egípcia *Disputa Sobre o Suicídio* e na composição mesopotâmica *Morte de Enkidu*.

Cada uma destas fontes possui uma morfologia específica e são igualmente fruto de um contexto de produção próprio, tornando indispensável a devida apresentação formal e contextualização histórica de cada composição e do respectivo processo produtivo.

A composição egípcia é intitulada *Disputa sobre o Suicídio* na tradução em que nos baseamos⁽¹⁾. Outras traduções sugerem outros títulos: *Diálogo do cansado da vida com o seu Ba*⁽²⁾, *A disputa entre um homem e o seu Ba*⁽³⁾. Os autores franceses parecem enveredar também por esta opção, se bem que prefiram usar o termo de «desesperado» ou «desiludido»⁽⁴⁾ ao invés de «cansado».

Esta diferenciação não é inocente, ela traduz uma evolução na interpretação do texto: de uma interpretação literal, que toma o suicídio como tema central, a composição passou a ser interpretada como um debate sobre concepções escatológicas.

A *Disputa sobre o Suicídio* é por nós conhecida através do *Papiro de Berlim 3024*, o qual se apresenta lacunar. Entre pequenas lacunas intralineaes e passíveis de reconstituições seguras, o papiro contém uma lacuna inicial de substancial extensão que se não presta a qualquer reconstituição. Restaram intactas cerca de 155 colunas nas quais se reconhecem três registos literários: prosa, discurso simétrico e poesia lírica.

Trata-se de uma unidade narrativa independente que se desenvolve na relação dialéctica entre duas personagens: o «homem» ou «eu» e a

«alma» ou «Ba». Estas personagens confrontam-se num jogo argumentativo (cujo início se perdeu) que se encerra num compromisso de meio-termo.

Por seu turno, a *Morte de Enkidu* não é uma unidade narrativa independente; é uma das doze tabuinhas⁽⁵⁾ que constituem a *Epopéia de Gilgameš*, é, mais especificamente, a sétima tabuinha.

Dentro da linha narrativa da *Epopéia de Gilgameš* esta sétima tabuinha representa um ponto de viragem essencial. De uma vida de herói epicurista, compenetrado apenas na perseguição de riquezas e façanhas grandiosas, Gilgameš, transtornado pela perda do seu companheiro Enkidu, envereda por uma vida de herói estóico em demanda do segredo da vida eterna.

Assim a sétima tabuinha, ao retratar a agonia de um Enkidu moribundo, marca a transição dramática da personalidade de Gilgameš e isso, por consequência, torna-a preponderante na compreensão integral da *Epopéia de Gilgameš*.

A *Morte de Enkidu* é hoje conhecida por intermédio de múltiplas versões da *Epopéia de Gilgameš* incluindo, por exemplo, uma versão em prosa de proveniência hitita, a qual permitiu a reconstituição de algumas lacunas menores⁽⁶⁾. Contudo, a tabuinha apresenta ainda lacunas de larga extensão, nomeadamente uma lacuna inicial de trinta e cinco linhas⁽⁷⁾ e uma lacuna final de cerca de trinta linhas.

Devido à lacuna final, a tabuinha não descreve de facto a morte de Enkidu. Aquilo que descreve é a angústia crescente de Enkidu com a aproximação da morte. O crescendo é alimentado pelo relato que Enkidu faz de dois sonhos acerca da sua morte. O primeiro sonho retrata a assembleia divina que decide a morte de Enkidu; o segundo sonho faz a premonição da morte de Enkidu e uma descrição sumária do Inframundo. Entre estes dois sonhos, Enkidu desenvolve um «monólogo» de lamentações e de maldições, interrompido esporadicamente por intervenções de Gilgameš e de Šamaš. Como veremos, estas três personagens vão entrar num jogo argumentativo que impelirá a demanda de Gilgameš.

À semelhança da morfologia, também os contextos históricos de produção das duas composições são diferenciados. Quer pelo afastamento cronológico e espacial desses contextos, quer pelo modo como foram produzidas as composições.

O modo de produção influiu na diferenciação das composições e dos seus contextos, na medida em que ditou um período de produção mais e menos alargado. A composição egípcia conheceu uma produção circunscrita

(XII dinastia 1938-1759 a. C.), a composição mesopotâmica formou-se por meio de um processo produtivo plurissecular (2300-650 a. C.).

Por outro lado, existem elementos que aproximam os dois contextos históricos. Em primeiro lugar, as condições geomorfológicas similares entre ambas as regiões de produção: o deserto estéril cerceando vales férteis.

Estas realidades, presentes tanto na mentalidade egípcia, quanto na mentalidade mesopotâmica criam paralelismos entre as composições e auxiliam a implementação do «pessimismo literário».

Em segundo lugar, a ocorrência de períodos de instabilidade política e social no horizonte histórico recente de cada composição terá contribuído para uma maior aproximação temática. A composição egípcia, por ter um horizonte produtivo melhor definido, facilita a identificação de um período histórico preciso: o Primeiro Período Intermediário (c.2180-2040 a.C.).

A composição mesopotâmica, por sua vez, torna mais difícil a identificação de um período específico. Difícil, não por carência de períodos de instabilidade na cronologia mesopotâmica, mas exactamente pela sua abundância.

Para qualquer das três principais fases de produção da *Epopéia de Gilgameš*, poderemos indicar um período de instabilidade próximo. As conquistas de Sargão e Naramsin ou as invasões dos Gútios (c.2200-2100 a. C.) para a fixação dos poemas sumérios sob Šulgi de Ur III (2094-2047 a. C.); as infiltrações dos amorreus, o saque hitita de Babilónia ou a instalação dos cassitas em relação à versão medio-babilónica de Sîn-leqe-uninni, podem fornecer o contexto histórico com a instabilidade necessária para dotar a mentalidade mesopotâmica das dúvidas, das incertezas e das imagens suficientes ao florescimento do pessimismo literário.

Tanto o Primeiro Período Intermediário egípcio como os períodos de instabilidade no contexto mesopotâmico deram origem a vazios políticos, administrativos e jurídicos, a desfortes sociais e à desvalorização de valores morais antigos.

2. A condição humana

De uma maneira geral, para os contextos civilizacionais pré-clássicos os conceitos de homem, e de condição humana não podiam ser dissociados da totalidade do real nem podiam ser fraccionados em parcelas constitutivas. Perante isto, é natural que o conceito de condição humana esteja envolvido na linguagem do pessimismo literário. Decorre que ao

moldar a linguagem do pessimismo literário imprime-lhe as especificidades do contexto cultural e religioso onde o mesmo conceito se define.

O conceito de condição humana no Egito Antigo é complexo. A mitologia egípcia atribui a antropogonia à geração espontânea: o homem nasce das lágrimas do demiurgo (Atum, Ré ou Khepri consoante a cosmogonia de referência).

A constituição do homem encontra-se de certo modo sistematizada por via do estudo das concepções escatológicas egípcias. Segundo estas concepções e as práticas funerárias, o homem era um composto de elementos e princípios espirituais que se separavam no momento da morte. Entre vários elementos de menor relevância, a comunidade antropológica era constituída por quatro elementos principais: corpo, *ka*, *ba* e *akh*.

O corpo era fundamentalmente o suporte material da comunidade antropológica, devia ser preservado por modo a permitir a sobrevivência dos restantes elementos. O *ka*, conhecido como «duplo» por ser representado em duplicação do faraó, é a força vital. Quando o homem morria, o *ka* transferia-se para a sua estátua funerária, na qual, através da «falsa porta» recebia as oferendas do culto de sustento assegurado pelos herdeiros.

Por sua vez, o *ba* é um espírito ou génio divino dentro do homem, sendo representado por uma ave, com liberdade de movimentos.

Por último, o *akh* seria a glorificação de defunto após ter passado pelo julgamento de Osiris.

Sendo uma comunidade antropológica, gerada pelo demiurgo no decurso da criação do cosmos, a vida do homem egípcio seria a procura da harmonia, do equilíbrio interior e do equilíbrio cósmico, segundo o princípio da *maet*. Este equilíbrio devia ser procurado também na morte. Os rituais funerários egípcios tinham por objectivo garantir essa harmonia. Esta procura do equilíbrio está bem representada na balança de Tot que pesa o coração do defunto.

Para a personagem «eu» o pessimismo está também na perda desse equilíbrio, na possibilidade do seu *ba* o abandonar e, assim, o condenar a uma segunda morte.

No contexto mesopotâmico, a antropogonia é concebida como criação. Uma criação que segue o plano imaginado por Enki/Ea e tem por objectivo o suprimento de uma determinada necessidade. Criado a partir dos restos mortais de um deus revoltoso e da argila, o homem é pensado, criado para trabalhar pelos deuses.

Para o homem mesopotâmico, a vida tinha em si o ónus do serviço aos deuses, era o destino que lhe estava decretado. Estando subordinado aos deuses em todos os aspectos, está-lhes subalternizado pelos limites da condição: o homem tem uma vida mortal; aos deuses pertence a vida imortal.

Ao morrer, o homem mesopotâmico não espera uma segunda vida que o recompense da vida de servidão que já viveu. Nem tão pouco pensa na morte como fuga a essa realidade, a morte assusta-o. O morto divide-se em duas entidades, o corpo material e o *eṭemmu* que é o seu espírito ou fantasma.

O corpo tornado ossos é inumado, e passa a receber o culto funerário de sustento. O *eṭemmu* desce ao Irkalla onde conhece uma existência melancólica com melhores ou piores condições consoante os seus restos recebem o devido culto e o seu nome é rememorado ou não pelos seus descendentes. De qualquer modo, a existência deste espírito é sempre negativa, porque vazia dos prazeres da vida terrena.

Por esta razão, o pessimismo literário na Mesopotâmia nunca se socorre da morte como possível saída para as injustiças da vida.

3. Pessimismo literário

Em ambas as composições literárias o pessimismo está presente. Esta presença é denunciada, em primeiro lugar, pela entoação negativa construída ao longo do texto mediante escolhas de vocabulário.

Em segundo lugar, o pessimismo literário manifesta-se pelo conteúdo narrativo, o qual se concentra em três posições: na desvalorização de experiências passadas, na exacerbação das situações presentes e na recusa de esperanças futuras.

No entanto, estas três posições de pessimismo literário podem subsistir durante toda a linha narrativa. Uma ou duas destas posições terão que ser forçosamente refutadas ou abaladas para criar espaço para o mecanismo de superação actuar.

De facto, os intervenientes secundários actuam na linha narrativa contrapondo os argumentos pessimistas que o protagonista desenvolve.

Na *Disputa sobre o Suicídio*, este jogo argumentativo é dominado por um duplo pessimismo colocado em confrontação. Por um lado, o «Eu» professa um pessimismo em relação à situação presente que vive, a par de uma esperança onírica que coloca na vida depois da morte:

«A quem posso falar eu hoje?
 O pecado que espezinha a terra,
 Não tem fim.
 A morte está hoje no meu olhar
 (Como) a convalescença de um doente,
 Como sair para campo aberto depois da clausura.»⁽⁸⁾

Por outro lado, o *ba* contrapõe invertendo, por via do mesmo pessimismo, a relação valorativa entre vida e morte e depreciando as concepções escatológicas acarinhadas pelo «eu»:

«Aqueles que constroem em granito e talham câmaras em uma pirâmide, bons homens em bom trabalho, assim que os construtores se tornam deuses, os seus altares⁽⁹⁾ estão tão vazios, por falta de um sobrevivente, como (os dos) cansados, os mortos na represa (...). Procura um dia feliz e esquece os cuidados!»⁽¹⁰⁾

O debate deste duplo pessimismo – de uma parte campeando pelas concepções escatológicas e funerárias tradicionais («Eu»); de outra parte denunciando o descrédito que a «liberalização» e a «privatização» da religião acarretaram (*ba*) – encerra-se com um acordo de meio-termo: o «Eu» cessa os lamentos e o *ba* aceita ficar com ele de modo a aplacar-lhe a angústia de não ser aceite no Ocidente, o país dos defuntos.

Na *Morte de Enkidu*, o jogo argumentativo desenvolve uma oposição simples entre uma visão pessimista (Enkidu) e uma visão otimista (Gilgameš). Radicalizando-se logo após o primeiro sonho premonitório, Enkidu profere uma série de três maldições: à porta de cedro; ao caçador; à prostituta sagrada Chamhat.

As três maldições equivalem tanto a uma desvalorização de experiências passadas:

«Houvesse eu desconfiado, oh porta, que assim tu [me pagarias]»⁽¹¹⁾

Quanto a uma exacerbação pessimista da situação presente e futura:

«Meu amigo, fixo [está o meu destino,]
 a gente vai para a sua ruína antes do seu tempo»⁽¹²⁾

Contrapondo o pessimismo exacerbado de Enkidu, Gilgameš e Šamaš notam-lhe a importância fulcral que essas experiências passadas tiveram em tornar possível a sua hominização e as mais-valias associadas.

É por essa via que o pessimismo de Enkidu é, parcialmente, superado. Ouvindo Šamaš, Enkidu concorda com influência positiva de Chamhat, nomeadamente ao aproximá-lo de Gilgameš, e reverte a maldição em bênção. Por outras palavras, revaloriza as suas experiências passadas e com isso consegue encarar a morte de modo menos angustiado.

Porém, Enkidu não cessa de ver negativamente o seu futuro, o encontro com o demónio Anzû, com a sua morte:

«Calcando [ele] esmagou-me, como um poderoso touro selvagem»⁽¹³⁾

Gradualmente, o protagonista é superado na sua argumentação sendo levado a concordar e a retratar-se ou é levado a atingir um meio termo, a, pelo menos, tolerar os argumentos da esfera optimista.

Conclusão

Posto isto, podemos concluir que as literaturas egípcia e mesopotâmica conheceram o fenómeno do pessimismo literário, disto são exemplo as composições *Disputa sobre o Suicídio e Morte de Enkidu*.

Em ambas as composições o pessimismo literário é utilizado como um recurso estilístico e encontra-se subordinado a uma determinada finalidade, respectivamente: o debate de duas concepções escatológicas; o contraste entre duas fases de vida.

De forma a servir essa finalidade, o pessimismo literário evoca a imagética negativa recolhida pela memória colectiva de fases dramáticas da história do contexto civilizacional.

Por outro lado, o pessimismo literário alicerça-se nas concepções antropológicas e escatológicas enraizadas no contexto civilizacional. Das semelhanças e diferenças destas concepções advêm as semelhanças e diferenças entre as duas composições que estudámos.

Em qualquer dos casos, podemos afirmar que o pessimismo literário existe para ser superado. No limite, tanto o contexto egípcio como o contexto mesopotâmico souberam tornar a sua propensão pessimista, induzida pela prevalência da morte, num motor de desenvolvimento criativo como sugere Morenz:

«Bien qu'elle lui ait été très présente et qu'il ait porté sur elle un jugement nettement négatif, la mort n'a pas écrasé l'Égyptien, mais a canalisé son instinct créateur et l'a aidé à faire une grande oeuvre.»⁽¹⁴⁾

Notas

O presente trabalho temático foi elaborado no âmbito do seminário de Egiptologia do 2º ciclo de estudos, leccionado pelo Professor Luís Manuel de Araújo na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- ⁽¹⁾ «A Dispute over Suicide», tradução de John A. Wilson, pp. 405-407.
- ⁽²⁾ «Lamentações e profecias: Diálogo do cansado da vida com o seu ba» in CARREIRA, *Literatura do Egito Antigo*, pp. 91-98.
- ⁽³⁾ «The Dispute Between a Man and His Ba», in LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, pp. 163-169.
- ⁽⁴⁾ «Littérature et Humanisme: Le pessimisme», in DAUMAS, *La Civilisation de L'Égypte Pharaonique*, pp. 400-405.
- ⁽⁵⁾ Diversos autores sustentam que a XIIª tabuinha mais não é que um anexo inorgânico que terá sido incluído na mesma série bibliográfica por afinidades temáticas.
- ⁽⁶⁾ «Tablet VII. The Death of Enkidu», in GEORGE, *The Epic of Gilgamesh*, pp. 54-62.
- ⁽⁷⁾ Restaurada por Andrew George graças à prosa hitita.
- ⁽⁸⁾ «A Dispute over Suicide» tradução de John A. Wilson.
- ⁽⁹⁾ Literalmente: «as suas pedras-de-ofereandas».
- ⁽¹⁰⁾ «A Dispute over Suicide», tradução de John A. Wilson, p. 405.
- ⁽¹¹⁾ «Tablet VII. The Death of Enkidu», in GEORGE, Andrew; *The Epic of Gilgamesh*. London, Penguin Books, 1999. p. 56.
- ⁽¹²⁾ «Tablet VII. The Death of Enkidu», in GEORGE, Andrew; *The Epic of Gilgamesh*, p. 57.
- ⁽¹³⁾ «Tablet VII. The Death of Enkidu», in GEORGE, Andrew; *The Epic of Gilgamesh*, p. 60.
- ⁽¹⁴⁾ «La mort et les morts», in MORENZ, *La religion égyptienne*, p. 256.

Fontes

- GEORGE, Andrew; «Tablet VII. The Death of Enkidu» in *The Epic of Gilgamesh*. London: Penguin Books, 1999. pp.54-62.
- LICHTHEIM, Miriam; «The Dispute Between a Man and His Ba» in *Ancient Egyptian Literature*. Vol. I. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1975. pp.163-169.
- PFEIFFER, Robert H.(trad.); «The Epic of Gilgamesh» in PRITCHARD, James B.; *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3ª ed. Princetown, Princetown University Press, 1969, pp. 85-89.
- WILSON, John A. (trad.); «A Dispute over Suicide» in PRITCHARD, James B.; *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3ª ed. Princetown, Princetown University Press, 1969, pp. 405-407.

Bibliografia

- ALDRED, Cyril, «A primeira decadência e a recuperação durante o Império Médio», in *Os Egípcios*. Col. «História Mundi», [s/l], Editorial Verbo, [s/d]. pp.105-111.
- ARAÚJO, Luís Manuel de (dir.), *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001 [Verbetes: Ba, Ka, Akh, etc.].
- BOTTÉRO, Jean, «The Mythology of Death», in *Mesopotamia. Writing, Reasoning, and the Gods*. Chicago London: The University of Chicago Press, 1992, pp. 268-286.
- CARREIRA, José Nunes, «Lamentações e profecias: Diálogo do cansado da vida com o seu ba», in *Literatura do Egito Antigo*. Mem Martins: Europa-América, 2005, pp. 91-98.
- COELHO, Ilda Sobral, «O Imaginário do Além», in *Percursos do Oriente Antigo. Homenagem a José Nunes Carreira*. Organização de José Augusto Ramos, Luís Manuel de Araújo e António Ramos dos Santos. Lisboa: Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 121-137.
- DAUMAS, François, «La Religion et la Pensée: La conception égyptienne du composé humain», in *La Civilisation de L'Égypte Pharaonique*. Col. Les Grandes Civilisations, Paris: Arthaud, 1977, pp. 252-256.
- _____ «La Religion et la Pensée: Les conditions de la survie d'après les textes funéraires» in *La Civilisation de L'Égypte Pharaonique*. Col. Les Grandes Civilisations, Paris: Arthaud, 1977, pp. 256-264.
- _____ «Littérature et Humanisme: Le pessimisme», in *La Civilisation de L'Égypte Pharaonique*. Col. Les Grandes Civilisations. [s/l], Arthaud, 1977, pp. 400-405.
- DONADONI, Sergio, «O Morto» in Donadoni, Sergio (dir.) *et alli, O Homem Egípcio*. Lisboa, Editorial Presença, 1994, pp. 217-236.
- JONKER, Gerdien, «The Topography of the Dead» in *The Topography of Remembrance. The Dead, Tradition and Collective Memory in Mesopotamia*. Leiden, New York, Köln, E.J.Brill, 1995, pp. 187-211.
- LOPES, Maria Helena Trindade, «O Universo Religioso», in *O Egito Faraónico. Guia de Estudo*. [s/l], Associação Portuguesa de Egiptologia, 2003, pp. 61-83.
- MORENZ, Siegfried, «La mort et les morts» in *La religion égyptienne*. Paris: Payot, 1984 [1ª edição de 1962]. pp. 239-274.
- RACHET, Guy, *Dicionário Temático Larousse. Civilizações do Antigo Oriente*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000. [Diversos Verbetes].
- RACHEWILTZ, Boris de, «O Ritual Funerário», in *A vida no Antigo Egito*. [s/l], Círculo de Leitores, [s/d]. pp. 109-123.
- SANMARTÍN, Joaquín e SERRANO, Jose Miguel, «El subsistema cultural mitológico en la antigua Mesopotamia», in *Historia Antigua del Próximo Oriente. Mesopotamia y Egipto*. Madrid: Akal, 2008, pp. 80-102.
- _____ «Las formas de vida religiosa: creencias y prácticas», in *Historia Antigua del Próximo Oriente. Mesopotamia y Egipto*. Madrid: Akal, 2008, pp. 215-234.